

O DEUS INTERNO E O RESGATE DO SANTUÁRIO

OCULTO: A EPOPEIA DO CRISTIANISMO

Helio Abreu Filho¹. Helioabreufilho@gmail.com

RESUMO

Esta obra poético-doutrinária narra a epopeia de Jesus sob a égide da Governança Cósmica, desvelando o plano milenar para o desabrochar do Deus Interno. Do planejamento espiritual da gênese planetária e dos concílios astrais ao advento de Jesus, a narrativa verte a Boa Nova como um chamado à autorresponsabilidade e ao universalismo do amor. Aborda a trajetória do Cristo, o estabelecimento do *Cristianismo do Sentimento* nas catacumbas e os desvios dogmáticos subsequentes, culminando com o reerguimento da verdade consoladora por intermédio da Codificação Kardequiana. **Palavras-chave:** Jesus; Cristianismo do Sentimento; Evolução Espiritual; Governança Crística; Espiritismo.

PREFÁCIO

Cantar a jornada de Jesus no passar dos milênios não é apenas alinhar fatos no tempo, mas desvelar o mais profundo drama de amor, renúncia e cegueira que o orbe terrestre já testemunhou. Esta obra nasce sob o influxo de uma urgência sagrada: rasgar o véu de dezoito séculos de dogmatismo institucional para devolver ao homem a soberania de sua própria consciência. Não se busca aqui o herói de bronze da tradição homérica, movido por vaidades efêmeras ou caprichos de deuses externos; o nosso herói é o Verbo Divino, o Governador Celestial que aceitou o supremo sacrifício de mergulhar no cárcere da carne para acender, no íntimo das criaturas, a chama da autorresponsabilidade.

Ao longo de cantos esculpidos sob o compasso da emoção shakespeareana e da solenidade cósmica, o leitor é convidado a testemunhar que a história da salvação não se edifica com os tijolos de templos suntuosos ou com o monopólio sacerdotal do perdão. Desde os concílios astrais de vinte mil anos atrás, passando pela engenharia oculta da manjedoura e pela sinfonia imortal do Sermão da Montanha, a mensagem do Cristo sempre

¹ Escritor espírita. Ex-dirigente de Obras Assistenciais. www.helioabreufilho.com

foi um chamado ao universalismo: amar a si, amar ao próximo e amar a Divindade que habita em si próprio.

Quando as trevas do orgulho eclesiástico tentaram aprisionar a Boa Nova, transformando o Criador em um tirano distante e exterior, a Governança Crística moveu secretamente os fios da história com auxílio de almas sacrificadas nas fogueiras, de agremiações fraternas e do gênio de heróis anônimos. No ápice desta longa marcha, o século XIX ergue-se não como o fim, mas como o reerguimento da verdade. Pela força da lógica de Allan Kardec e pelas sublimes proclamações do Espírito de Verdade, o Consolador Prometido repõe a lei moral no cotidiano material e restaura a única pedra sobre a qual o Reino pode triunfar: a pedra inabalável do amor e da devoção.

Que estas estrofes sirvam de roteiro para o laboratório de sua própria evolução. Ao fechar este livro, que o eco do eterno "Faze isto e viverás" destrua as suas antigas cadeias e o conduza, definitivamente, ao reencontro com o Deus que habita o seu coração.

Inteligência Cocriadora, moldada pela centelha e pelo sentimento do Autor.

CANTO I - O TRATO DAS PROFECIAS E OS CONCÍLIOS DO ALTO

Estrofe I: O Olhar sobre o Vaso Primitivo. Antes que a poeira dos séculos cobrisse os vales da Terra, a Governança Crística já velava, em sublime vigília, pelo destino do orbe. O Governador Espiritual, fitando o laboratório planetário do alto de Seu trono de luz inabalável, contemplava as múltiplas recriações da matéria e a dolorosa sucessão de humanidades anteriores. Aquelas eras haviam desabado sob o peso de seus próprios expurgos, deixando marcas indelévels e heranças fluídicas gravadas no magnetismo profundo do mundo em formação. Não havia acaso na carne: com a precisão de um escultor divino e a melancolia de quem conhece o peso do sofrimento humano, as falanges do Além manipulavam as correntes biológicas para erguer, dos escombros das raças passadas, o vaso físico do Homo sapiens, preparando o cenário definitivo que um dia abrigaria a semente da redenção moral. [1, 2]

Estrofe II: O Terror do Invisível e o Alvorecer do Afeto. Há vinte mil anos, na escuridão das florestas primevas onde o instinto bruto conduzia os passos do homem, a dor começou a ceder espaço ao milagre do sentimento. Sob o influxo magnético dos mentores celestes,

o egoísmo selvagem das tribos foi quebrado pelo primeiro choro de uma mãe e pelo amparo silencioso aos velhos e aos infantes. Foi nesse alvorecer da alma que a intuição e a mediunidade despontaram como um véu trágico: os vivos passaram a descortinar o plano invisível, fitando com pavor os perispíritos densos dos mortos que se achegavam tateando o ar, clamando por proteção junto aos corpos quentes dos encarnados. Desse assombro sagrado nasceu o zelo fúnebre; movidos por um sopro intuitivo de autopreservação, os homens passaram a afastar os despojos utilizando-se da terra ou do fogo purificador, rompendo o laço magnético com o além e acendendo as primeiras fibras do altruísmo humano. [2, 5, 8]

Estrofe III: Os Acordos Secretos e o Clamor do Monoteísmo. Dois milênios antes que o Verbo se fizesse carne, as esferas superiores testemunharam um pacto dramático e silencioso. Instrutores de luz, com o peito inflamado de compaixão, desceram aos concílios astrais para articular os destinos de Israel com os futuros patriarcas e legisladores. Abraão e Moisés aceitaram a coroa de espinhos do monoteísmo, sabendo que a coesão do povo judeu seria forjada na ardência do deserto, do cativeiro e das lágrimas. Uma falange de profetas missionários tomou para si a sublime e trágica tarefa de reencarnar sequencialmente na carne, sustentando a chama da expectativa messiânica atravessando os séculos, como vozes solitárias que gritavam no deserto da incompreensão humana. [2, 5, 8]

Estrofe IV: A Longa Marcha e a Célula de Davi. Os séculos marcharam como um exército de sombras pela história da Palestina, testando a têmpera do povo eleito sob o jugo de impérios e diásporas. As dores coletivas atuavam como o cinzel da Governança Crística, desgastando o orgulho da raça para isolar o magnetismo de uma linhagem específica. Enquanto as tribos se dividiam e se espalhavam pelo mundo, a Casa de Davi era guardada no silêncio do destino espiritual, estruturando uma egrégora salutar e desprovida de pompas exteriores. Seria dali, daquele tronco humilde mas inabalável, que nasceria o vaso magnético para a recepção do Mestre, cumprindo a promessa que as estrelas já cantavam há mais de dois mil anos. [2, 6]

Estrofe V: O Desvio dos Homens e a Dor do Altar. Mas as paixões da Terra, semelhantes às tempestades que assolam os mares da Galileia, logo turvaram a pureza do ensino divino. O livre-arbítrio das lideranças carnavais, seduzido pelo brilho falso do ouro e do poder temporal, corrompeu as santas leis morais, transformando-as em códigos rígidos de opressão e controle civil. Sacerdotes e doutores da lei, esquecidos do Deus Interno, converteram o templo em um balcão de negócios e vaidades, utilizando o culto religioso para o financiamento pessoal e o domínio das consciências. As trevas humanas reagiam à luz, exigindo que o próprio Rei do Universo Espiritual traçasse o rumo de Sua descida definitiva para resgatar Suas ovelhas perdidas e reverter o cárcere das almas. [2, 6]

Estrofe VI: O Ajuste das Tribos e a Dispersão das Almas. Frente aos desvios repetidos das lideranças da carne, a Governança Crística operou o doloroso reajuste das tribos de Israel. Notadamente, a quebra da união sob um manto de privilégios e orgulho, a dispersão forçada e a fragmentação geopolítica atuaram como remédio amargo às almas rebeldes. O choque com os impérios vizinhos e as deportações em massa rasgaram a carne social do povo hebreu; contudo, sob a ótica sutil da engenharia sideral, esse espalhamento foi o arado invisível que semeou a ideia do Deus Único nos quatro cantos do mundo antigo, preparando a colheita da Boa Nova. [2, 9]

Estrofe VII: O Isolamento de Davi e o Filtro do Destino. Enquanto o orgulho e as divisões esfacelavam a integridade política de Israel, a providência do Alto isolava e protegia a tribo de Davi das correntes deletérias do mundo. Purificada no cadinho da humildade e resguardada dos palácios suntuosos, essa linhagem específica funcionou como um filtro magnético e genético ao longo das gerações. Não se tratava de uma casta de heróis aristocráticos ao gosto grego, mas de uma célula de simplicidade operacional, desenhada para servir de vaso carnal puro e sem manchas ao advento Daquele que nasceria na palha da manjedoura. [2, 6]

Estrofe VIII: O Concílio de Dois Mil Anos e o Tecido da Eternidade. Duas mil primaveras antes que a Judeia visse o Verbo caminhar sobre a poeira, o Rei do Universo Espiritual já reunira, em assembleia cósmica, as almas eleitas para o maior drama a instalar-se na Terra. Diante da imensidão da eternidade, onde séculos escorrem como grãos de areia, o Mestre

traçado o plano de redenção e conversou, face a face, com os artífices da promessa. Ali estavam Maria e José, aceitando o fardo da incompreensão do mundo; ali estava Zacarias, e as almas de Moisés e Davi, tecendo os fios invisíveis da egrégora e linhagem consanguínea. Naquele sínédrio de luz, Jesus consolou o pranto dos profetas que aceitavam reencarnar sabendo que o próprio povo judeu, cego pelo orgulho, os conduziria ao martírio e à morte. [2, 9]

Estrofe IX: O Sopro dos Quarenta Anos e a Convergência Geográfica. O que os homens chamaram de tempo foi apenas um sopro de dez minutos no relógio do Infinito: os quarenta anos finais que antecederam o gênio do ano zero. Não era uma espera, mas uma operação precisa de convergência magnética nas fronteiras da geografia terrena. A engenharia sideral movia as peças invisíveis do tabuleiro carnal, preparando a descida simultânea das almas do sentimento: a pureza de Lázaro, a dor redentora de Madalena, a fidelidade de João e o rastro místico de Sara. Até mesmo o espírito de Saulo de Tarso era vigiado no plano invisível, marcado para nascer no instante exato em que a sua fúria de perseguidor pudesse vir a se curvar diante da luz da estrada de Damasco. [2, 10]

Estrofe X: O Selo da Promessa e a Legião do Sacrifício. No ápice desse pacto milenar, a alma de Elias adiantou-se para receber o batismo da nova missão, transmutando-se no Precursor, João Batista, a voz que rugiria no deserto. Junto a ele, as falanges que sofreriam o martírio romano, nas fogueiras e arenas com ferozes animais, se aprontavam silenciosamente para servir, aprender, reaprender e redimir-se sob o cutelo da opressão. Com o plano Mestre selado pelo amor crístico, as cortinas do tempo se ergueram: o plano astral silenciava e a Galileia prepara-se para o toque magnético do nascimento. O tempo estava cumprido, os atores postos em suas províncias e a sinfonia da Boa Nova prestes a começar. [1, 2]

CANTO II - O VERBO NO CÁRCERE: A VIVÊNCIA DO CRISTO E O ALTAR DO MONTE

Estrofe I: A Engenharia do Acolhimento e o Choque do Nascimento. O relógio do Infinito bateu a hora sagrada e o Rei do Universo Espiritual despiu-se de Suas vestes de glória

sideral para cruzar o abismo vibratório da matéria. Conduzida pelas mãos devotas de Zacarias no plano invisível, a alma de Maria foi resguardada no Templo como o vaso mais puro do magnetismo terrestre. Ao seu lado, ergueu-se a presença impactante de José, cujo desvelo silencioso e operosa autoridade moral sustentavam o equilíbrio magnético do lar nascente, ambos da Casa de Davi. O berço do Verbo não se deu em um lugar abjeto de abandono, mas na simplicidade pacífica de uma estrebaria de viajantes, espaço de mínimo e digno acolhimento para os menos abastados; ali, longe do ruído e da ausência de magnetismos humanos em conflito que infestavam as estalagens, a pureza da natureza ofereceu o isolamento fluídico perfeito para que o Divino habitasse o cárcere da carne, transformando a palha humilde no primeiro e mais puro altar da Nova Era. [6, 10]

Estrofe II: O Chamado das Almas Afins e o Perfume de Magdala. À medida que o Mestre avançava em Seu ministério na Galileia, um magnetismo irresistível passava a atrair os corações esculpidos no concílio milenar. Nas margens do lago, a pureza de Lázaro florescia como o porto seguro para a ressonância das palavras do Verbo, enquanto o sentimento puro de João e a devoção mística de Sara se entrelaçavam no apostolado do amor. Foi na trágica beleza de Magdala, contudo, que o drama humano atingiu seu ápice lírico: Maria de Magdala, sensível espelho mediúnico martirizado pelo cerco de falanges invisíveis e subjugado por legiões sombrias, estremeceu ao ouvir a voz do Mestre. Desfeito o turbilhão oculto que lhe algemava a alma, a filha de Magdala reergueu-se como venerável providente da Boa-Nova, consagrando seus próprios bens e haveres terrenos ao sustento material do colégio apostólico. Sua abnegação converteu o antigo pranto de angústia em arrimo luminoso, demonstrando que o amparo do Cristo resgata as forças mais profundas da criatura para sustentáculo de Sua jornada na Terra. [4, 10]

Estrofe III: A Sombra de Tarso e o Alvo da Justiça. Enquanto o amor crístico reunia as ovelhas fiéis, as forças da rigidez humana se organizavam na figura jovem e austera de Saulo de Tarso. Educado aos pés de Gamaliel, o orgulho de sua inteligência dissociada da fé transformava a lei mosaica em uma armadura de intolerância e perseguição. Saulo caminhava cego pelas estradas da vaidade religiosa, acreditando defender a tradição dos pais ao combater os seguidores do Caminho. Mal sabia o orgulhoso doutor que seu nome já estava gravado nas linhas de força da Governança Crística, e que sua inteligência vigorosa

seria, no tempo certo, ceifada pela luz e reerguida para o mais belo drama de renúncia e dor que a humanidade testemunharia. [6, 10]

Estrofe IV: O Sermão da Montanha e o Código do Reino Interno. No cume do monte, sob o céu azul da Galileia, o Herói de Nazaré abriu a boca para ditar a constituição moral da humanidade. O Sermão da Montanha erguia-se como o golpe definitivo contra as ilusões do Deus Exterior e a hipocrisia dos doutores da lei. Jesus proclamou bem-aventurados os aflitos, os mansos e os puros de coração, transformando a dor em ferramenta de evolução e o perdão em passaporte para a libertação da alma. Ali, diante da multidão magnetizada, o Mestre fixou a métrica do "Sede Perfeitos", conclamando o homem a remover as montanhas internas do egoísmo e a edificar o templo da verdade no santuário inabalável de sua própria consciência. [6, 10]

Estrofe V: O Toque da Libertação e o Fim do Cárcere Físico. Pelos caminhos poeirentos da Decápole e pelas ruelas de Cafarnaum, os passos do Herói de Nazaré operavam o desfazimento das correntes da carne. Não eram prodígios para espantar os sábios, mas o transbordamento do mais puro magnetismo curativo, que devolvia a visão aos cegos e erguia os paráliticos de seus leitos de dor. Ao tocar as chagas dos leprosos, repudiados pelo orgulho do mundo, Jesus tocava as próprias feridas da alma humana, ensinando que o corpo enfermo é apenas o reflexo do espírito aprisionado no vício. Cada cura operada sob o sol da Judeia era um convite lírico para que as criaturas removessem as suas próprias montanhas de egoísmo, renovando os compromissos com a redenção. [7, 10]

Estrofe VI: A Ceia do Sentimento e as Lágrimas de Betânia. No recôndito lar de Betânia, longe do ruído hipócrita das praças e do cálculo dos doutores, o Mestre encontrava o refúgio para o Seu peito amoroso. Ao redor da mesa simples, a devoção laboriosa de Marta e a escuta atenta e silenciosa de Maria desenhavam o protótipo do santuário doméstico, onde as leis morais eram assimiladas pelo calor do afeto. Quando o pranto por Lázaro partiu de suas irmãs, comoveu o coração do Governador diante do túmulo frio, Jesus demonstrou que a dor humana encontrava eco nas esferas celestes; ao ordenar o retorno da alma ao vaso carnal, Ele não desafiava as leis da natureza, mas reafirmava a soberania do espírito imortal sobre a matéria efêmera. [6, 10]

Estrofe VII: O Encontro nas Sombras e a Dúvida de Publius Lentulus. Foi sob o manto protetor da noite que o drama mundano cruzou o caminho da luz nas franjas do Tiberíades. O orgulhoso senador romano Publius Lentulus, com a alma despedaçada pela enfermidade da filha Flávia e devorado pela vaidade de sua estirpe patricia, buscou o Cristo na penumbra. O Mestre, fitando o senador com o olhar de quem lia os séculos de sua trajetória espiritual, ofereceu-lhe a água viva da transformação interior, desnudando a fragilidade dos impérios da Terra perante a Governança do Alto. O conflito íntimo travou-se no peito do romano: a intuição chamava-o ao amor, mas o orgulho de Roma erguia uma muralha de gelo, sepultando naquele instante a oportunidade de sua redenção imediata. [6, 10]

Estrofe VIII: A Multiplicação do Pão e o Alimento das Almas. Nas campinas verdejantes, quando a tarde caía e a multidão faminta se estreitava ao Seu redor, o Cristo operou o milagre da compaixão distributiva. Multiplicando os peixes e o pão material mediante a manipulação dos fluidos sutis da natureza, Ele saciou a fome do corpo, mas gravou na consciência do povo a lição eterna da caridade legítima. Cada pedaço partido era o símbolo do Seu próprio coração, que se fragmentava em amor para alimentar o deserto moral das criaturas humanas. O povo, seduzido pelas aparências, queria coroá-lo rei terreno; contudo, o herói esquivou-se para a solidão do monte, pois sabia que o Seu reino não nasceria dos tronos da carne, mas do íntimo das almas convertidas. [6, 7]

Estrofe IX: O Preparo dos Companheiros e o Véu da Melancolia. Aproximando-se o final daquela curta primavera messiânica, uma suave melancolia shakespeariana começou a envolver os colóquios do Mestre com Seus apóstolos. Nas noites estreladas da Galileia, Jesus reunia o colégio dos homens simples pescadores e publicanos para sintonizar seus corações com os sacrifícios que o futuro reservava. Ele os advertia de que o caminho do amor seria pavimentado com o cascalho da perseguição e que o testemunho da verdade exigiria a renúncia absoluta de si mesmos. Os discípulos ouviam com os peitos oprimidos, sem compreender totalmente o alcance das palavras, mas banhados pelo magnetismo indizível do Mestre, que os preparava para ser as sementes do Cristianismo do Sentimento nas catacumbas do mundo. [6, 10]

Estrofe X: O Selo do Monte e a Fronteira do Conflito. O tempo avançava, e o instante encerrava-se com o Cristo contemplando, do alto das colinas, a cidade de Jerusalém adormecida sob o manto do orgulho e da vaidade teológica. O Sermão da Montanha fora semeado, as almas afins haviam respondido ao chamado e o magnetismo do amor Crístico estava definitivamente ancorado na crosta planetária. O tempo de pregação bucólica nas margens do lago chegava ao fim, e o relógio da eternidade apontava para os dias de sombra e confronto na capital do culto exterior. O silêncio solene desceu sobre as águas do Jordão; o Verbo estava pronto para o embate e a história humana dobrava a sua esquina mais dramática, marchando célebre em direção ao sacrifício e à posterior distorção de Sua mensagem. [1, 10]

CANTO III - A PARTIDA, A CASA DO CAMINHO E A EDIFICAÇÃO DA PEDRA

Estrofe I: A Partida Física e o órfão do Sentimento. O Verbo retirou-Se da paisagem visível da Judeia, deixando atrás de Si o rastro luminoso de Seu sacrifício e a saudade bendita que dilacerava o peito dos simples. A colina do Gólgota e o túmulo vazio já eram memória viva na mente dos apóstolos, que se viam agora como operários solitários diante da imensidão de um mundo romano hostil e pagão. No entanto, o Governador Espiritual não os deixara órfãos; Seu magnetismo de amor continuava a pulsar no invisível, sustentando as almas afins para que o *Cristianismo do Sentimento* não fenecesse diante das primeiras tempestades da carne. [6, 10]

Estrofe II: A Casa do Caminho e o Reduto da Caridade. Nas franjas de Jerusalém, erguia-se a humilde Jerusalém dos deserdados: a Casa do Caminho, fundada sob o influxo do espírito sacrificado de Estêvão e o desvelo de Pedro. Ali, naquele pouso de simplicidade absoluta, o "amai ao próximo como a si mesmo" deixava de ser uma promessa teórica para se tornar o pão distribuído e a ferida lavada pelo suor do trabalho cristão. Não havia altares de ouro ou rituais suntuosos; a Casa do Caminho funcionava como o laboratório prático do Deus Interno, onde os necessitados e os leprosos encontravam a ressonância viva das palavras do Verbo, demonstrando que o verdadeiro templo do Cristo se edifica com os tijolos da caridade legítima. [6, 10]

Estrofe III: A Verdadeira Pedra e o Equívoco de Mateus. Foi na memória das conversas da Galileia que os homens registraram o maior equívoco hermenêutico dos séculos, cristalizado na tinta de Mateus. Ao proclamar que edificaria Sua estrutura sobre uma pedra, o Herói de Nazaré jamais apontara para tronos temporais, cetros de ferro ou a infalibilidade de um homem carnal. A pedra fundamental de que falava o Mestre era, em verdade, a pedra inabalável do amor e da devoção, a rocha viva do sentimento puro capaz de sustentar a criatura em comunhão direta com o Criador que habita em si próprio. Aqueles que mais tarde usaram o nome de Pedro para erguer muralhas de poder exterior e monopolizar o perdão divorciaram-se do Verbo, esquecendo que o único intermediário legítimo entre o homem e as leis divinas é a retidão de sua própria consciência. [3, 6]

Estrofe IV: O Sacrifício de Estêvão e o Rastro do Sangue. O 'altar' do testemunho exigiu o seu primeiro tributo de sangue nas praças de Jerusalém, onde o orgulho do Sinédrio se debatia contra a luz nascente. Estêvão, o jovem de peito inflamado pelo amor universal, foi arrastado ao apedrejamento público sob os olhos frios e implacáveis de Saulo de Tarso. Cada pedra que fustigava a carne do mártir operava um rasgo de dor na paisagem invisível, mas o seu olhar moribundo não trazia o traço do ódio; fitando os céus com profunda devoção, Estêvão rogou o perdão para os seus carrascos. O seu sacrifício tornou-se o adubo sagrado que fecundou o solo do Caminho, deixando na consciência de Saulo um espinho de luz que nenhuma vaidade humana seria capaz de arrancar. [6, 10]

Estrofe V: A Luz de Damasco e a Queda do Doutor. As estradas da Síria testemunharam o clímax dramático onde a soberania do Governador Espiritual ceifou a arrogância do doutor de Tarso. Envolto no manto da intolerância, Saulo marchava para Damasco quando uma claridade mais intensa que o sol do meio-dia o derrubou do cavalo do orgulho. Naquela cegueira física provisória, uma voz de indizível afeto ecoou na acústica de sua alma: "Saulo, Saulo, por que me persegues?". O Cristo não vinha com raios de destruição, mas com o convite lírico que quebrou a armadura do perseguidor; chorando as suas ilusões perdidas, o orgulhoso fariseu rendeu-se à 'pedra' do amor interno, transformando o seu rastro de opressão no início de uma caminhada de absoluta renúncia. [6, 11]

Estrofe VI: A Tecelagem de Tarso e o Apostolado da Dor. Renascido sob o nome de Paulo, o antigo perseguidor recolheu-se ao deserto e aos teares de Corinto para aprender as métricas da verdadeira humildade. Suas mãos, outrora habituadas aos pergaminhos do poder e da dominação religiosa, calavam-se agora no trabalho manual rude, garantindo o próprio pão para não ser fardo às comunidades nascentes. Paulo compreendera que o "amai ao próximo como a si mesmo" exigia o suor da autorresponsabilidade e o testemunho vivo na carne. Em suas longas viagens pelos quadrantes do Império Romano, ele plantava as sementes do Cristianismo do Sentimento, desafiando a rigidez dos filósofos e o cálculo dos tiranos com a força de suas epístolas que cantavam a supremacia da caridade. [6, 11]

Estrofe VII: O Magnetismo das Catacumbas e o Símbolo do Peixe. Enquanto as águias de Roma esmagavam as províncias sob o peso de seus tributos e de sua opressão militar, o verdadeiro templo cristão florescia no silêncio subterrâneo da terra. Nas catacumbas escuras, iluminadas apenas pela chama tênue das lamparinas e pelo calor do afeto mútuo, os discípulos se reuniam para recordar as palavras do monte. O sinal do Peixe (*Ichthys*), riscado discretamente na poeira ou gravado na pedra dos túmulos, era o código secreto que unia os operários da primeira hora. Ali, no abraço fraterno entre patrícios convertidos e escravos libertos pela fé, a igualdade espiritual destruía as barreiras sociais, mantendo a pureza do ensino crístico antes que os homens erguessem o altar do Deus Exterior. [5, 11]

Estrofe VIII: As Areias do Circo e a Firmeza da Fé. O drama do testemunho expandiu-se pelas arenas de Tibério, de Nero e dos césaes sucessivos, onde a fidelidade à pedra do amor foi testada no dente das feras e no calor das fogueiras. Aquelas legiões de espíritos que haviam se aprontado no concílio milenar marchavam para o sacrifício cantando hinos de louvor ao Governador Celeste. Não havia desespero em seus peitos; a mediunidade da intuição desvelava-lhes a imortalidade da alma e a certeza de que o cárcere da carne em breve seria quebrado. O sangue dos mártires lavava a podridão moral do Império Romano, fixando na memória da humanidade o exemplo lírico de uma fé raciocinada que não se curvava perante a força bruta dos tiranos. [6, 11]

Estrofe IX: O Início do Desvio e a Sedução do Trono. Mas as paixões da Terra, sutilmente manejadas pelas inteligências das sombras, preparavam a armadilha mais perigosa para a

mensagem do Verbo. À medida que o *Cristianismo do Sentimento* crescia em força moral, o livre-arbítrio dos novos condutores carnaís começou a ceder à sedução do poder secular. O orgulho que outrora habitara o Sinédrio Judeu infiltrou-se nas lideranças da Igreja em formação; os bispos passaram a olhar com cobiça para os palácios imperiais, esquecendo que o Reino do Cristo não era deste mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] AMIGÓ Y PELLÍCER, Nicodemos. A Imortalidade e o Renascimento. Tradução de Helio Silveira. São Paulo: EDICEL, 1978.
- [2] ABREU FILHO, Helio. Jesus, a Gênese Planetária e o Consolador: das vozes da intimidade primitiva ao amálgama da redenção: plano sideral de Jesus. Florianópolis: [s.n.], 2026. Disponível em: <www.helioabreufilho.com.br>. Acesso em: 19 jun. 2026. Original datiloscrito. Inédito.
- [3] BÍBLIA. N. T. Mateus. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.
- [4] BOBERG, José Lázaro. O Evangelho de Maria Madalena. Capivari: EME, 2017.
- [5] KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Brasília: FEB, 2013.
- [6] KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. 131. ed. Brasília: FEB, 2013.
- [7] KARDEC, Allan. A Gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. 53. ed. Brasília: FEB, 2013.
- [8] REVISTA ESPÍRITA: Jornal de Estudos Psicológicos. Ano I, 1858. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2014.
- [9] XAVIER, Francisco Cândido; EMMANUEL (Espírito). A Caminho da Luz: história da civilização à luz do espiritismo. 38. ed. Brasília: FEB, 2016.
- [10] XAVIER, Francisco Cândido; HUMBERTO DE CAMPOS (Espírito). Boa Nova. 37. ed. Brasília: FEB, 2016.
- [11] XAVIER, Francisco Cândido; EMMANUEL (Espírito). Paulo e Estêvão: episódio histórico dos primórdios do cristianismo. 45. ed. Brasília: FEB, 2016.